

MUTAÇÕES DO SUPORTE E DOS GÊNEROS DISCURSIVOS: MUDANÇAS DA LEITURA OU DOS LEITORES?

Luzmara Curcino¹

É sabido que na leitura são adotados critérios bem distintos de avaliação dos textos, conforme se apresentem sob a forma de um gênero e não de outro. Também é sabido que os gêneros condicionam a interpretação do conteúdo que aportam, em função de alguns valores simbólicos de que gozam na sociedade, relacionados ao seu estatuto cultural (gêneros de maior ou menor prestígio em relação às comunidades de leitores) e ao estatuto da autoria dos textos (textos designados como autorais e textos cujo estatuto ‘dispensaria’ autoria). Por sua vez, o valor do gênero e de seus autores vincula-se a instituições sócio-culturais legitimantes: assim, há formas distintas de legitimação do que escreve um cientista (sobre sua área de atuação ou sobre culinária), ou um romancista (se moderno, se contemporâneo, se muito lido, se pouco lido, se midiático ou não), em comparação com quem publica auto-ajuda, piada ou biografia (de próprio punho ou não, cuja história pode interessar por razões extremamente distintas, tais como pelo valor da vida e obra de um personagem político ou de um artista renomado ou por ter sido namorada de um falecido membro do grupo musical Mamomas Assassinas).

Nessa economia simbólica dos textos (de seus gêneros, de seus autores e das instituições que os legitimam, por meio de outros discursos e de maneiras de circulação do dizer distintas), elegem-se os *best-sellers* de cada nicho e suas respectivas comunidades de leitores.

Embora os leitores de um gênero possam eventualmente coincidir com os leitores de outro, os usos dos objetos culturais e as formas de interpretação dos textos não necessariamente coincidem, entre outras razões, em função de suas expectativas e de seus interesses diversos, de técnicas intelectuais distintas, enfim, da partilha (ou não) de uma memória sócio-cultural comum.

Para tentarmos exemplificar como a passagem de um texto tradicionalmente publicado em livro impresso para um formato digital pode alterar seu investimento genérico, conseqüentemente, implicar na interpretação que dele fará o leitor, é preciso

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

abordarmos o que se convenciou designar como teoria do suporte e em seguida tratar de maneira mais específica de um fenômeno de linguagem que concerne à circulação contemporânea de alguns poemas via *internet*.

A teoria do suporte tem sido incorporada pelos estudiosos da leitura, como sendo um dos elementos que desempenham papel no processo de decifração/interpretação dos textos. A apropriação dessa teoria, no entanto, não se dá sem certos equívocos, como por exemplo, quando se negligencia a diferença, diversas vezes explicitada na obra do historiador que a concebeu, Roger Chartier, entre prática de leitura e interpretação.

A respeito da prática de leitura, deve-se compreender que a mudança no suporte, segundo ele, implica mudança na maneira como o leitor se relaciona fisicamente com os objetos, de modo que mudanças nos procedimentos materiais de escrita podem fornecer indícios preciosos aos historiadores sobre as representações do leitor de outros períodos históricos. Mas isso não significa que a interpretação é compulsoriamente alterada, ou seja, que o sentido do texto se modifica². Sobre a interpretação, inspirado em obras como a de Michel Foucault e a de Donald F. McKenzie, Chartier defende que há uma relação entre a forma material dos textos e o seu sentido. Esse seu ponto de vista é manifesto em várias passagens de sua obra, tal como:

Contra uma definição puramente semântica do texto [...] é preciso considerar que **as formas produzem sentido** e que um texto se reveste de uma **significação** e de um **estatuto** inéditos quando mudam os suportes que o propõem à leitura. (CAVALLO & CHARTIER 1998: 6. Grifo nosso)

Essa mudança de significação e de estatuto do texto não se refere nem à decifração das suas palavras ou frases, nem ao seu tema, mas trata especificamente de uma certa mudança de seu gênero discursivo assim como de uma mudança de seu público leitor. É sobre isso que discorreremos tendo em vista a circulação de poemas pela *internet*.

² Por exemplo, a passagem de um texto bíblico ou de uma bula de remédio, da versão impressa para a digital, não afetaria o sentido (sócio-cultural do primeiro e literal do segundo). A única alteração seria a ordem de seu manuseio e de sua acessibilidade. Por isso, quando se faz a digitalização de um livro, ou de uma revista, ou de um jornal, a mudança em si de formato pode não afetar a leitura/interpretação dos textos, desde que não sejam destacados dos demais com os quais compõem um conjunto de relações de sentido e no interior dos quais se definem.

Do impresso à tela: confronto de um velho(?) Texto com novos leitores(?)

Recentemente, tornou-se comum o envio, por correio eletrônico, de poemas de autores literários consagrados, como Jorge Luiz Borges, Pablo Neruda, Fernando Pessoa, Mário Quintana entre outros. Esses poemas, em sua nova forma de circulação, propiciam uma recepção também distinta daquela para a qual foram concebidos tradicionalmente. O modo como são destacados do livro, do conjunto de outros poemas tematicamente ou não selecionados e reunidos, referentes ou não a uma fase específica da produção de um autor, e dados a ler sob um formato outro, afeta sua condição de gênero discursivo, em pelo menos dois aspectos: em sua construção composicional e em relação ao destacamento dos demais textos que se lhe assemelham.

Sobre o primeiro aspecto, e conforme a definição de Mikhail Bakhtin (2000), todo gênero discursivo constitui-se de um estilo verbal, de um conteúdo temático e de uma construção composicional. Se os dois primeiros dizem respeito à seleção operada nos recursos da língua (lexicais, fraseológicos e gramaticais), a construção composicional refere-se ao modo como ele é apresentado, como seus contornos são definidos sob uma forma estruturada e repetível que permite ao interlocutor antever, de início, de que gênero se trata.

A apreensão imediata da totalidade de um texto, antes mesmo de sua leitura-decodificação, deve-se, portanto, a sua composição que, uma vez alterada, pode reorientar o regime de expectativas do leitor. Uma mudança composicional do texto pode, assim, ter impacto sobre sua interpretação, dado que os leitores adotam critérios diferenciados de leitura em função de seu conhecimento prévio do formato do texto, de seus valores institucionais, de sua pertença a um domínio discursivo e do regime de memória que eles acionam.

Os poemas a que fizemos menção, graças a sua nova forma circulação passam a compor um repertório textual distinto daquele do qual são originários, onde relacionam-se a um tipo de texto cuja circulação tornou-se muito freqüente via *internet* e que recebemos por *e-mail* de amigos, de colegas ou originários de *spam*. Referimo-nos àqueles textos que circulam sob a forma de ‘corrente’ e/ou sob a forma de ‘mensagem’ (de amizade, de amor, de paz etc). Essas correntes e/ou mensagens caracterizam-se, do ponto de vista de seu conteúdo temático, pela veiculação de valores e posturas éticas cujo objetivo é ajudar os indivíduos a recuperarem a autoconfiança e a gerência de suas vidas.

A circulação virtual de textos garantiu um meio muito propício para a propagação dessas correntes/mensagens, porque facilitou sua reprodução e sua circulação. Essa forma de produção e de acesso privilegiadas promove, em alguma medida, uma espécie de homogeneização dos textos de diferentes origens e gêneros (poético, religiosos, filosóficos) que circulam na rede, podendo ser eventualmente interpretados como pertencendo a esse conjunto bem eclético de correntes/mensagens a que se designa *grosso modo* por auto-ajuda³.

Instaura-se e reforça-se, assim, uma tendência planificadora dos gêneros, em função do predomínio de um tipo específico de texto. Para essa planificação contribui, sem dúvida, uma série de operações sobre a forma desses textos poéticos, que vão desde a sua ilustração com fotos, desenhos, pinturas, até a animação, sonorização e divisão e exibição em *slides*, por meio de programas como o *PowerPoint*. A seleção das formas de animação, por exemplo, confere homologias no mínimo curiosas entre as imagens e o poema selecionado, entre a música de fundo e o conteúdo verbal. São escolhas por vezes que não primam pelas relações de sentido que se pode estabelecer entre a imagem / música e o que é enunciado verbalmente, mas por gosto pessoal ou por acesso e disponibilidade facilitados⁴. Outras vezes, essas escolhas são baseadas na preocupação em traduzir o enunciado verbal, exemplificá-lo, ou complementar seu sentido⁵, podendo ser bem sucedidas do ponto de vista dos sentidos gerados ou não.

O objetivo do trabalho estético sobre esses textos, agregando-lhes som e imagem, parece ser o de potencializar sua eficácia, do ponto de vista da geração de comoção, da promoção de reflexão pessoal, e de maneira a refletir, por outras semioses, os valores enunciados verbalmente (como serenidade, calma, paz). São em sua maioria

³ Esses textos podem ser encontrados numa gama significativa de *sites* que disponibilizam, entre outros tipos de textos, o que eles mesmos designam como mensagens em *powerpoint*. Uma rápida procura em qualquer buscador apresenta um volume considerável de opções.

⁴ Um exemplo do arranjo entre música e poema/'mensagem' na montagem dos *slides* encontra-se em http://www.minutodesabedoria.com.br/conteudo/midias/power_point_1451.asp. Nele apresenta-se o texto intitulado "Revolução da alma" atribuído a Aristóteles, com a música "Velha Infância" dos Tribalistas.

⁵ Um exemplo de não-homologia entre a imagem e o que enuncia verbalmente o poema, disposto em versos em diferentes *slides*, é o que se apresenta no link http://www.minutodesabedoria.com.br/conteudo/midias/power_point_161.asp em que figuram os seguintes versos ou frases atribuídas a William Shakespeare: "Quem cedo e bem aprende, tarde ou nunca esquece. Quem negligencia manifestações de amizade, acaba por perder esse sentimento". No 3º *slide* contendo o verso "Quem negligencia manifestações de amizade", a imagem escolhida para ilustrá-lo trata-se de uma fotografia em preto e branco, tirada da sacada de um apartamento com vista para uma das ruas aparentemente da orla do Rio de Janeiro, onde ocorre uma passeata, uma manifestação da qual não se pode precisar a reivindicação nem a data, a não ser pelas roupas de algumas pessoas que indicam se tratar de fato ocorrido nos anos 80. A relação semântica e de homologia discursiva entre o enunciado verbal e o enunciado imagético na construção do texto foi estabelecida em função da presença da palavra 'manifestação', cuja significação remete tanto para o ato de expressar um pensamento ou idéia, quanto para a reunião de um conjunto de pessoas em lugar público para defender suas opiniões.

músicas instrumentais, ou então músicas que, nacionais ou internacionais, aportem, por suas letras, uma relação semântica mais ou menos explícita com o enunciado verbal. Já as imagens, elas provêm de um repertório tão extenso de formas e temas, que articulam aos textos desde algumas de origem pessoal a outras produzidas para uma veiculação social, tal como cartão-postal.

Esses textos, oriundos de campos discursivos diversos (filosofia, literatura, religião), no interior dos quais assumem formas genéricas específicas e relativamente estáveis, são submetidos à homogeneização de sua forma de apresentação ao leitor quando colocados sob a forma de mensagem de *powerpoint*. Eles são divididos em frases, em versos ou em estrofes à medida que são dispostos em *slides*. Seu formato tradicional temporariamente é desfeito e o leitor não mais tem acesso à sua totalidade de imediato, o que lhe permitiria o pronto reconhecimento do gênero discursivo. Além dessa disposição que divide o texto em *slides*, seus enunciados sofrem, por vezes, acréscimos ou decréscimos no processo de digitação e de cópia/cola entre aqueles que repassam as mensagens.

Trata-se de um regime de circulação textual que relativiza o papel da função-autor. O que se comprova pela supressão, em alguns casos, do nome do autor, ou por meio da grafia errada de seu nome⁶, pela atribuição equivocada de autoria⁷ ou pela informação de que se trata de autor desconhecido. Em várias dessas mensagens, ao final, apresenta-se também a autoria de quem formatou e produziu os *slides* (nome de pessoa física ou de empresa, seguido da mensagem “respeite os direitos autorais”), além de eventuais convites para que outros “publiquem seu *PowerPoint*”⁸.

Os poemas, assim como outros textos provenientes de outros campos discursivos e configurados em outras formas genéricas, são então (re)produzidos e

⁶ No link http://www.minutodesabedoria.com.br/conteudo/midias/power_point_877.asp, grafa-se “Sheakespeare” e complementa-se a informação de quem ele é designando como um “famoso poeta inglês da idade média, Sheakepeare”. Observa-se que embora Shakespeare seja um autor ‘universal’, a grafia equivocada de seu nome e a imprecisão quanto ao período em que ele viveu remetem a origem do comentário e a destinação do mesmo a um público leitor não pertencente àquele que institucionalmente e historicamente se convenciou ser o público destinatário desse tipo de obra, conhecedor dessas informações que permitem julgar o texto segundo princípios outros. A menção ao período, no entanto, é importante em função do fortalecimento do valor de verdade do que é enunciado. Uma verdade seria assim imune ao tempo e quanto mais antiga, maior seu valor de verdade.

⁷ A atribuição equivocada de autoria pode ser exemplificada nos *slides* com poema hipoteticamente escrito por Fernando Pessoa. Trata-se, aparentemente de poema de autoria de Silvana Duboc (uma escritora oriunda desse universo das mensagens em *powerpoint*), que ao ser repassado por e-mail, foram lhe acrescentados dois versos finais de poema de Ricardo Reis, a saber, “Circunda-te de rosas, ama, bebe e cala. O mais é nada.” gerando a confusão. Cf. no link http://www.minutodesabedoria.com.br/conteudo/midias/power_point_408.asp.

⁸ O convite à publicação de mensagens apresentadas em *powerpoint* pode ser encontrado, entre outros sites, em <http://www.mensagensvirtuais.xpg.com.br/PowerPoint>.

interpretados tal como textos de auto-ajuda, com os quais se conjugam e por isso se confundem graças ao meio de veiculação em comum. Um exemplo pode ser obtido pelos comentários apresentados por seus leitores. Para a mensagem, intitulada “Revolução da alma”⁹ cujo texto é atribuído a Aristóteles (com trilha sonora dos Tribalistas), foram dados os seguintes depoimentos:

1. __ puxa fiquei sem palavras
2. __É a mais pura verdade, é a essência de cada um, não podemos esperar dos outros aqui que não conseguimos alcançar!
3. __SE AME ACADA MINUTO DE SUA VIDA USE SEU LIVRE ARBITRIO SEJE FELIZ PARA EMANTAR FELICIDADE AO PROXIMO SE AME DE DOE SEMPRE...
4. __Gostei muito do texto a Revolução da alma, ele causa uma revolução mesmo, muito boa.
5. __MARAVILHOSA MENSAGEM... MÚSICA ENVOLVENTE... JUNTOU TUDO SAIU UMA OBRA PRIMA... PARABÉNS!!! ROSALI
6. __Excelente. Bem motivadora.
7. __Uma bonita mensagem, principalmente para os pessimistas.

Esses depoimentos indiciam o efeito que textos do repertório textual de auto-ajuda produzem sobre seus leitores: por um lado o de gerar reconhecimento da verdade, da beleza e da utilidade do que foi enunciado; por outro, como se observa em especial no terceiro depoimento, fornecem um modelo de enunciação, que se reproduz no comentário do leitor: no conteúdo temático (uma vez que se trata da emissão de um conselho e de uma verdade universal) e no estilo verbal (já que ele se vale de uma linguagem não trivial, quase solene, quiçá poética).

Depoimentos como o quarto, o sexto e o sétimo apresentam a que repertório de textos este em questão é incluído, de maneira a estabelecer intertextualidade com os demais que também fazem parte da categoria daqueles que provocam uma “revolução no ser”, são “motivadores” e apresentam “boas mensagens para pessoas pessimistas”. Depoimentos como o do quinto leitor são um esboço do regime de autoria que vigora na escrita e na recepção desses textos. É o conjunto (composto das imagens que o ilustram, da música de fundo – Tribalistas – e dos versos atribuídos a Aristóteles) que é considerado uma obra-prima e não exclusivamente o enunciado verbal, por ter sido

⁹ Disponível em http://www.minutodesabedoria.com.br/conteudo/midias/power_point_1451.asp.

proferido por quem supostamente foi, por sua qualidade estética intrínseca ou por sua permanência perpetuada institucionalmente na cultura ocidental, ao longo dos séculos.

Vale retomar aqui a síntese apresentada por Possenti (2001) sobre as razões para as múltiplas leituras de um texto:

a) um leitor pode associar determinado texto a determinado discurso em vez de associá-lo a outro, e por isso faz dele uma leitura e não outra [...]; b) o leitor lê o texto segundo uma chave ‘fechada’, que ele já domina (ideológica ou disciplinar) e acaba lendo no texto o que já ‘sabia’ [...]; c) a ocorrência de certas palavras ou expressões no texto permite que o leitor faça associações mais ou menos livres entre o que lê e outros temas, pelo fato de esses temas aparecerem freqüentemente associados às mesmas palavras [...]. Cada uma dessas razões mostra como um texto pode alternativamente ser associado a outros textos já lidos e com os quais os leitores mantém relações diversas [...]. (POSSENTI, 2001: 25-26)

Essas razões parecem-nos decorrerem, neste caso, de uma outra e que lhe é anterior: a mudança do suporte¹⁰. No que concerne ao caso analisado, esperamos ter apresentado algumas considerações pertinentes em relação às possíveis mudanças na leitura que um mesmo texto pode propiciar quando mudam sua circulação: altera-se sua rede intertextual e seu público leitor. Nessa perspectiva, o poema não deixa de ser poema, mas sem a presença do ‘autor’, da ‘obra’, do ‘comentário’ e da ‘disciplina’ que, segundo Michel Foucault (1999), categorizam os textos e governam nossa relação com eles, alteram-se assim suas regras de formação e de funcionamento sócio-histórico, de modo que ele não é apreendido da mesma maneira, com o mesmo significado simbólico, com o mesmo valor daquele da economia discursivo-literária. Ele agora faz série e é conjugado com um grupo de textos muito heteróclitos e que agora se reagrupam e são distribuídos por meio de um circuito outro.

Quanto ao novo leitor, inesperado porque exponencialmente ampliado pela nova forma de circulação, caracteriza-se pela diferença (de disponibilidade, interesse, sistema de valores, grau de formação escolar etc.). Dele podemos tentar descrever o perfil seguindo os traços deixados na escrita dos textos (e em suas eventuais reestruturações formais) assim como por meio de seus depoimentos e comentários acerca do que leram.

Enfim, seja com o interesse de se fazer história da leitura, mapeamento das práticas contemporâneas ou teoria sobre como os sentidos são produzidos quando da leitura-interpretação dos textos, não se pode negligenciar as novas formas de circulação

¹⁰ Apesar do suporte poder ter influência sobre a leitura de um dado texto, é sempre importante lembrar que isso pode não ser verdade para todos os tipos de textos nem para todos os leitores.

e o impacto dessas na (re)configuração dos textos assim como na (re)invenção de um novo leitor.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, (p. 277-326), 2000.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. [1997] *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. [1998]. *À beira da falésia*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

FOUCAULT, M. [1971] *A ordem do discurso* – Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso?. In: MARINHO, M. (org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de letras; ALB, 2001, p. 19-30.